

A

# NOVA MINERVA.

REVISTA

DEDICADA ÀS SCIENCIAS, ARTES,

LITTERATURA, E COSTUMES.



RIO DE JANEIRO,

TYPOGRAPHIA DE M. A. DA SILVA LIMA.

1846.

# A NOVA MINERVA,

## REVISTA

DEDICADA ÀS SCIENCIAS, ARTES, LITTERATURA, E COSTUMES.

A NOVA MINERVA publica-se todas as semanas; contém cada numero de 16 à 20 páginas de impressão.

Subscreve-se mensalmente pela quantia de 15000 réis, no escriptorio da typographia, rua de S. José n. 8.



### AS LIMENHAS.

(CONTINUADO DO NUMERO ANTERESENTE.)

Huma prova recente do que levamos dito, são as observações de Mr. Cabanis a respeito do Brasil. Escriptas elles com prevenção, sem imparcialidade, e sobretudo sem verdade, são huma creaçao phantastica da imaginação do autor que não exprimem nem apresentam nada de *real* na condicção, carácter e costumes deste paiz. Fallando das senhoras fluminenses, por exemplo, assegura usano que não ha mais do que huma ou duas bellas, e que pelo geral são impudicas no seu ar e nos seus olhares para os homens; asserção tanto mais falsa quanto que, segundo o juizo dos estrangeiros mesmos, domiciliados, ou que tem residido longo tempo neste paiz, no Rio de Janeiro ha em abundancia, assim como em S. Paolo, Rio Grande e Maranhão, senhoras que pôdem competir em belleza com as melhores da Europa, e luzir em qualquer dos salões de Londres, Paris e Madrid. E ainda mais falsa e contraria à evidencia he a observação do viageiro Cabanis a respeito da pretendida impudicia do bello sexo brasileiro. Talvez este pecca pelo extremo contrario, isto he, por hum encolhimento e huma reserva que o afasta demasiado da sociedade dos homens, e muito mais de terem a liberdade e o valor de olharem com ar de insinuação para os homens que passam junto de suas

janellas. Educadas as brasileiras da alta classe sob o systema severo e sobradamente honesto dos portuguezes, que se distinguiram pelo isolamento nas suas famílias, está em oposição com os factos, com a historia e a verdade o acerto de que elles possam levar consigo a mancha que os olhos anuviados de Mr. Cabanis viram nas tímidas e mimosas filhas de Amazonia.

A descripção das Limenhas, inserta na Illustraçao não pertence à classe das feitas por viageros como Mr. Cabanis e outros de quem temos fallado: ella he quasi exacta e muito brilhante, quanto aos costumes d'aquelle sexo; porém quanto a seu carácter e à sua moral he exageradissima, senão falsa, seja que o articulista falle por juizo proprio, seja que emitta a opinião de outros. Quanto a esta parte, a mais interessante sem duvida no conhecimento da vida dos povos, podemos dizer de seus autores o que hum romancista moderno diz tão verdadeira como elegantemente,

« Sabido he que os poetas estudam o coração da mulher indo a ver à sahida da aurora. Todos os que manejam mal a penna tem o costume de começar huma multidão de phrases com estas palavras; as mulheres fazem, as mulheres são, as mulheres dizem, etc. Isto he hum disparate. Philosophicamente a palavra mulher não tem plural. E mesmo quando se emprega o singular he preciso especificar a idade, a posição e a hora do dia. A

mesma mulher não se parece a si mesma aos seis mezes de intervallo. Da noite à manhã muda às vezes a ponto de não podel-a conhecer. E oh ! temerarios vindes a fallarnos *das mulheres* do mesmo modo que poderíeis fallar se a some as tivesse feito naturalistas de testacos, mamíferos de oviparos, ou de fosseis. Dissertais, louvais, condenaias do que conhecéis ; — ou crêdes conhecer. — De vossas mulheres, de vossas queridas, deduzis as vossas conclusões sobre o desconhecido, sobre a mulher de outro, sobre o *sexo*, como dizeis, quando não quereis lançar-vos nesta grande phrase : « a metade mais bella do gênero humano. » E o que he mil vezes mais deploravel, fazeis huma historia sobre o coração da mulher. Traduzis latim e grego, em em lugar de *olhar*, citais em vez de observar, e com o auxilio d'hum verso ou huma phrase nos explicais o caracter de Fanchon. Horacio não conhecia Fanchon, e Fanchon não conhecia Horacio. Grande verdade he que Mesalina tem existido: grande desgraça he que haja havido mulheres parecidas a Mesalina. O que prova isto ? Com que direito fazeis do nome de Mesalina huma qualificação, huma adjetivo ? Não estais fazendo-o, quasi seguros de insultar, à pessoa que comparais com ella ? Creis que Magdalena, outro adjetivo os agradeça muito das menções honrosas que nos fazeis della em vossos periodicos ? Magdalena se arrependeu, não podereis perdoal-a ? Isto he assumpto já regrado, toda a mulher que tem peccado se chamma Mesalina ou Magdalena. Não ha meio termo: a corrupção e o abandono ou o arrependimento ; tal he o vosso veredito !....

Na classe baixa de Lima ha mulheres deshonestas e immoraes; por isso todas as senhoras daquella civilizada capital o são tambem ! Em Londres e em Paris, como em Roma e em Vianna ha mulheres corrompidas e mais que em nenhuma outra parte comparativamente a sua povoação e à miseria do maior numero; por isso direis tambem que naquellas primeiras e mais cultas cidades do mundo

são todas as senhoras corrompidas ? Estão a vossa conclusão escriptores de costumes.

« Desconfiai das mulheres de Lima ! seréas perfidas que lançam mão de tudo, de voz doce, palavras insinuantes, eloquencia persuasiva para acender em hum estrangeiro huma paixão que só tem por sim o amor proprio, à que se ajuntam quasi sempre calculos de interesse ; não deis fé às suas palavras, às suas suplicas, sede insensivel às suas lagrimas ; nestas mulheres tudo he fogo : os olhos são de fogo, a alma de gelo, os labios fallam, porém não o coração. Desconfiai delas, senão comprareis a experiencia por desgostos bem crueis. » Eis-ahi o que dizem do sexo de Lima os estrangeiros a quem se refere a Illustração ! oh ! vós divino Homero, cisne mantuano, cego Milton, desgraçado Camões, e vós Aguia da Caledonia, vaporoso Byron, alçai-vos de nossas tumbras para ouvir como em simples prosa a poesia tem mais encantos que em nossos versos inesfaveis ! Aprendei tambem vós outros homens das terras mortas a escrever titanicamente ! Não se pode conceber a facundia destes escriptores sobre o bello sexo de Lima que o acham todo immoral, todo falso, todo perigoso como as serpes da Numidia ! He talvez porque em seus amorosos versos não acharam como o poeta de Sorento huma irmã do duque de Ferrara a quem namorar, ou as apotheosis do capitolio com que Roma o corou ! Porém já nós temos estendido demasiado, vamos ouvir as mesmas palavras do artigo offerecido.

« Ha poucas opiniões contraditorias a respeito das mulheres de Lima. Todos os viajantes que visitaram o Perú, sabios, artistas, especuladores, qualquer que fosse o paiz a que pertencessem, todos pagaram o tributo devido às Limenhas, e de acordo, decidiram que eram as mulheres mais sedutoras do mundo. — O epitheto espanhol *hechicera* pode ser-lhes applicado em todo o sentido ; com efeito, sua graça, elegancia, belleza e particularmente o relampago rapido de seus olhos pretos (ojeada) fizeram muitas vezes

maravilhas que não desmentem a vára das fadas de outros tempos. »

« Se tivessemos a pretenção de escrever a historia das Limenhas, fariamos primeiro sahir de suas phalanges misteriosas duas mulheres que percorreram a vida com missões bem diferentes.—Huma dellas, absorvida em celestes extasis, entregue inteiramente às iluminações de hum amor divino, seria seus pés descalços nos duros seixos, molestando seu bello corpo com a crina erissada do silecio, e só vivendo para o céo. — A outra alegre e folgasona, existia no presente, abusava de todos os esplendores do luxo e tinha à discrição os thesouros e o orgulho de hum Vice-rei de quem era idolo. Ambas deixaram vestigios em Lima de sua passagem: huma, hum convento aonde se ora e se espera; a outra dois monumentos em huma vasta e sombria alameda onde, em noites serenas, vem as mulheres, ao ruido de repuchos d'agua, sonhar e fallar em amor.—Destas duas mulheres, a primeira he santa Rosa, patrona de todas as Americas; a segunda he simplesmente a comica Mariquita Villegas, mais conhecida debaixo do nome da Pericholi. »

« As Limenhas dos nossos dias conservam como hum reflexo destas duas naturezas opostas. Ha nellas ao mesmo tempo beatismo e bizarria; he o que explica a pequena digressão que fizemos a fim de não lhes nostrar com hum traço de seu caracter. »

« O que admira à primeira vista em Lima, he o vestuario pitoresco e misterioso das mulheres. Este vestuario, que se parece com o das mourescas, de onde tiram de certo a sua origem, tomou o nome de seus dois principaes elementos, que são *saia* e *manto*.—Só he usado em Lima, e as Limenhas se servem delle unicamente de dia, quando sahem para ir á igreja, á procissão, ou ao passeio. Compõe-se elle de huma manta de seda de hum tecido elastico, apertado na cintura por huma extremidade e relevado por outra até a cabeça. As Limenhas levam com a mão adestrada esta manta sobre o resto de maneira

que o cubra inteiramente, deixando apenas em frente de hum dos olhos huma estreita abertura que serve a dirigir-lhes o caminho. A ponta do chale, levantada por traz nesta manta, deixa ver inteiramente a cintura. A saia he de setim, apertada na cintura, franzida nas nadegas, e perfeitamente justa até abaixo do corpo, dahi estufa-se por vestimentas interiores fortemente emgomadas, e cabe com graça formando mil pregas iguaes que vão pouco e pouco se alargando de seu nascimento á sua base. As cores mais usadas para as saias são o azul de smalte, o preto e o verde de esmeralda. »

« O bom gosto fez justiça ha alguns annos á *saia angosta*, especie de saco que cahia da cintura até aos tornozelos, desenhando, sem pudor, as formas do corpo; a parte inferior era tão estreita que paralisava quasi o movimento das pernas, o que tirava ás mulheres sua mais poderosa seducao: a graça e a ligeireza de seu desembarço. »

« O chale he a parte de mais luxo deste vestuario, os mais apreciados são os da china; suprehendem pela variedade e admiravel armonia de seus matizes, são magnificamente bem bordados de flores vivas e frescas, que podiam fazer secar de inveja as flores naturaes. Qualquer que seja a posição social das Limenhas, ellas calsam com hum cuidado estremo, suas meias são geralmente de seda cor de carne, os sapatos sempre de setim branco. »

As Limenhas vestidas de *saia* e *manto* sahem sós; qualquer pessoa, sem faltar o respeito devido ao costume, pôde dirigir-lhes a palavra, e acontece muitas vezes que são elles que tomam a iniciativa. A irregularidade de vestuarios faz de huma rua ou de hum passeio hum baile mascarado perpetuo onde se atam intrigas sem conta. — A's vezes as mulheres de grande tom se occultam debaixo de huma saia em trapos á vista mais perspicaz do marido o mais suspeitoso; tambem estes ultimos, que não estendem até a si a rigidez dos costumes que querem impôr as mulheres, foram muitas

vez surprehendidos desagradavelmente que lhes respondiam ás suas imprudentes declarações, tirando o véo do rosto irritado de huma esposa á qual offereciam hum incenso illigimo.

Como se vê, o vestuario de *saias e manto* consagrhou em Lima a liberdade das mulheres; para elles tem todas as vantagens, para os maridos só desgostos. He por isso que ha hum dictado peruano assim concebido: *Lima paraíso o de mugeres, purgatorio des hombres, infierno de borricos.*

As mulheres sahem sempre de mangas curtas; não se pode desconfiar muito d'aquelas cujas mangas cobrem a luva de maneira que não se pôde conhecer a cor da pelle. Não ha então que duvidar, a manta traidora encobre a face mais ou menos negra de huma africana, diante a qual se semeiam em vão perolas de galanteria.

As Limenas andam geralmente muito curvadas e imprimem na parte inferior do corpo hum movimento voluptuoso d'oscilação, a ponta delicada do sapato de setim apenas toca o chão.

(Continua.)

#### CAUSA E UTILIDADE PERMANENTE DAS PYRAMIDES DO EGYPTO E DA NUBIA.

##### I.

O seculo dezenove não será unicamente célebre pela grande epopéa napolianiana que assignalou o seu começo, séi-o-ha tambem pela immensidade de progressos dos conhecimentos humanos. Descobertas destinadas a mudar a face do universo, a aplicação do vapor à mecanica, os caminhos de ferro, os telegraphos eletricos, o prodigioso desenvolvimento da industria, huma multidão de sciencias tiradas do nada, o mundo material, em fim, como o mundo moral, engrandecido, analysado nos seus mais reconditos segredos são os titulos que a este seculo garantem o respeito da posteridade.

Apenas se deve notar que neste grande movimento do espirito humano cabe sempre á

França a honra do primeiro lugar. Dominando a Europa alternativamente pela sua litteratura, pela philosophia, pelas armas, ella a esclarece presentemente, pela sciencia. Segundo as phases da civilisação muda os instrumentos do seu poder; mas jamais o abedica. Percorre todo o circulo das sciencias, e não encontrareis lugar onde algum energico e laborioso filho da França não tenha arvorado as cores nacionaes. Vamos citar hum novo exemplo.

Sabe-se quaes foram os resultados scientificos da expedição do Egypto. Com o joven heróe, cuja espada victoriosa foi, como a de Alexandre, despertar a terra dos Pharaós, partio de França huma commissão de sabios ilustres encarregada de sondar as trevas desta celebre sociedade, e de ampliar com novas conquistas o dominio do passado. Os resultados foram muito além das previsões do proprio genio. Huma antiga e gloriosa civilisação desenterrada de suas ruinas, os limites da historia do mundo recuados por dous mil annos, a indisputavel fonte de nossos conhecimentos restaurada, toda a antiguidade em si iluminada com novo brilhantismo, taes foram os mais preciosos tropheos da nova expedição; porque em quanto a fortuna nos roubava a conquista politica, nos restava a conquista científica.

Para logo a Europa lançou os olhos para o bem da civilisação; immensos sabios se precipitaram ás margens do Nilo para concluirem a descoberta deste novo mundo historico. O segredo dos hieroglyphos causava sobretudo o mais vivo interesse; porque se a chave desta mysteriosa linguagem se descobrisse, a historia de quatro mil annos dever-se-hia naturalmente reconstruir com o grande numero de inscrições e manuscripts do antigo Egypto, que possuimos. Ainda huma vez hum celebre frances Mr. Champollion teve a gloria de fazer esta preciosa descoberta.

Todavia faltava penetrar hum grande misterio. Desde quatro mil annos as pyramides passavam no mundo por tumulos, perante os

quaes se confundia a razão humana na suposição de, segundo os calculos da commissão, exigir a construcção de cada hum quasi tantos materiaes, e por ventura tanto trabalho e despeza quanto a das maiores cidades modernas. Em vão se invocavam os caprichos do despotismo, o orgulho e loucura dos reis ; designar taeas puerilidades como causa de exforços tão prodigiosos era ferir as mais comedias regras do bom senso. E nem os antigos nem os modernos poderam penetrar a razão politica ou religiosa do Egypto, de fazer questão de estado dos sepulchros de seus monarcas. Era assim pois de erer que ainda huma vez haviam querido os sagrados collegios do antigo Egypto occultar o seu segredo ao mundo ; e que o espheisge, collocado junto das grandes pyramides, não era mais do que o emblema de hum desafio á posteridade.

Tal foi, com effeito e em contrario à opinião geral, a hypothese da commissão do Egypto. A vista das reliquias magnificas da civilisação de hum grande povo, Mr. Joinard, illustre interprete da commissão, não trepidou em repelir supposições aviltantes.

Admittindo que o vacuo interior ou as galerias subterrâneas das pyramides tivessem servido a accessoriamente de sepultura aos principes que tiveram a gloria de erigir taeas monumentos, elle atrahio a sua construcção a alguma grande ideia científica por descobrir.

Infelizmente baldados foram os esforços da commissão para transformar o problema em questão científica digna de atenção. O mais absurdo e vulgar ciume se tinha principalmente em França, como que identificado com os trabalhos da commissão. Triste consequencia de nossas discordias civis !

Paixões miseraveis, não se satisfazendo em perseguir nos membros do Instituto do Egypto os companheiros de gloria de hum heróe infeliz, se encarniçaram contra as tradições do Egypto como tropheos de huma das suas mais bellas expedições. Em vão os monumentos egipcios revelavam hum povo extraordinario

pela sciencia e pela sua organisação económica. Qualquer obscuro pedagogo se julgava authorisado a insultar dos empocirados cantes dos nossos collegios a memoria deste povo. Além disso, força be confessal-o, o problema das pyramides parecia extraordinario ; por tal forma se julgava impossivel indicar a causa destas montanhas facticias que o espirito humano se via coagido a humilhar-se perante semelhante incognita.

Não obstante isto huma sociedade de sabios ingleses resolveu ha cinco ou seis annos decifrar o enigma. Ella se dirige aos lugares de tanta celebridade, e reunindo grande numero de trabalhadores sob a direcção de hum habil engenheiro, dà começo ás explorações em grande escala. Apóz dous annos das mais vigorosas pesquisas e de abertos muitos povos e de escavadas immensas galerias, trabalhos em que se dispenderam sommas enormes, a sociedade, não descobrindo algum novo elemento para a resolução do problema, limitou-se ao banal argumento por muitos séculos repetido. As pyramides contêm sepulturas, logo não são mais do que tumulos.

Assim, como nunca, se apresentava impenetrável este mysterio. O mundo ilustrado via-se na necessidade de encarar as maravilhosas construções unicamente como esteril testemunho de louca vaidade e como huma magnifica expressão do nada ; a memoria de hum grande povo parecia condemnada sem apelação.

Mas eis huma voz que do fundo de funesta prisão se faz ouvir para protestar contra a injusta sentença. Hum jovem e instruido frances, estranho á sciencia oficial, e que até mesmo jamais vira o Egypto, não duvida arrostrar o espheisge.

Novo OEdipo, ousa cobrir de ignominia o monstro embora com risco de ser por elle devorado, e pela vez primeira depois de tão dilatados séculos a construcção das pyramides se explica por hum grande interesse.

*(Continua.)*

PARALELO ENTRE OS HESPAÑOES E OS  
FRANCEZES.

O Francez come muito e com pressa, o hespanhol moderadamente e com pausa.— O francez faz-se servir primeiro o guisado, o hespanhol o assado.— O francez deita agua no vinho, o hespanhol o vinho na agua.— O francez gosta de fallar muito quando está na mesa, o hespanhol não diz huma palavra.— O francez se passeia depois de jantar, o hespanhol dorme, ou pelo menos se assenta.— O francez vai depressa pelas ruas, seja a pé ou seja a cavallo, o hespanhol sempre vai de vagar.— Os lacaios franceses seguem a seus amos, os dos hespanhoes vão adiante.— O francez para chamar a alguem por signaes, levanta a mão e a dirige para a cara, o hespanhol para o mesmo sim abaixa a mão e a vira para os pés.— O francez beija as damas ao comprimental-as, o hespanhol não pôde soffrer esta liberdade. O francez não aprecia os favores de sua dama em quanto não são conhecidos por seus amigos, o hespanhol nada acha mais grato em seus amores como o segredo.— O francez falla sempre do presente, o hespanhol do passado.— O francez necessitado tudo vende, excepto a camisa, o hespanhol a primeira cousa que vende he a camisa, conservando a capa ate o ultimo apuro.— O francez veste de hum modo, o hespanhol de outro tão differente, que se se olha para elle dos pés á cabeça não se lhe parece em nada.— O francez crê que na Hespanha não ha mais do que Quixotes e Sancho-Pansas, e para amedrentar aos meninos lhes faz o *bu* com os hespanhoes, como hum espirito infernal, o hespanhol julga que os franceses são tão ridiculos como as *gavaehos*, e crê que elles tem vindo ao mundo para divertil-o e fazel-o rir.

— SOCIALIDADE FLUMINENSE A PASCOA, os  
BAILES MASCARADOS NO THEATRO DE S.  
PEDRO DE ALCANTARA.

Viver para hum só homem e de hum só

pensamento no interior de suas casas; passar o dia n' huma sala trançando os seus lindos cabellos, dispondo com graça a seu tolete para agradar a seus maridos ou para sentar-se junto da janella ao pôr do sol; respirar o ar fresco das collinas desde hum miradouro elevado, ou por entre as douradas rexas de sua casa: dar algumas voltas debaixo das laranjeiras e bananeiras d'hum bello jardim, ir a fazer hum giro pela rua em companhia de seu esposo, de tarde ou de manhã cedo, cuidar da casa, dispor o jantar, os doces, e o chá, tocar o piano e cantar alguma cavatina; eis ahi a sociabilidade das brasileiras em tempos passados. Este modo de existir era hum tanto monotono e tinha as suas vantagens e os seus inconvenientes, como todas as coisas humanas. Então não havia entre as senhoras tantas paixões ficticias e românticas como hoje; eram escravas de hum amor occulto dentro do coração em quanto jovens e bellas, e mais tarde eram escravas dos cuidados domesticos e de seus filhos.— Não costumando elles sahir n'aquelles tempos á rua senão huma ou duas vezes na semana no erespulo da tarde ou no allumiar da aurora, estando privadas de mesclar-se na sociedade dos homens por huma especie de orgulho aristocratico e pelo costume herdado de seus antepassados; sendo quasi impossivel o velas mais do que por entre as fendas de suas janelas, como não era possivel ver em outro tempo, senão por entre exhalações encantadas do bosque ás fadas occultas aos olhos profanos; apenas davam as senhoras brasileiras alguns passos dentro de suas casas e passavam o seu tempo empregadas nos fazeres do seu sexo, em ler hum livro místico ou em comer alguma fruta. Eram por tanto mais senhoras de seu tempo, tinham dias e horas fixas para receber visitas e arranjavam a seu gosto as relações sociaes; porém estes eram muito limitadas e havia nessa conducta hum não sei que de egoismo. Cumpridos os deveres sociaes da mais estricta attenção, passavam-se muitos dias e mesmo mezes sem

que vissem ás pessoas de sua amizade, a menos que as festas não viesssem a reunil-as em sociedade. As tertulias de então não se ocupavam de nenhuma especialidade importante; afora huma ou outra fria e monotonâa conversaçâo, parecia que o elemento em que viviam estava esgotado; os mesmos prazeres pareciam as despedidas de huma dita que se bia para não voltar. Por isso não se conheciam nessa época essas ardentes e patheticas relações, nem essas tragedias historicas cujo interesse descansa no *sentimentalismo* exaltado. A casta brasileira embora doutada de huma alma e de huma natureza ardentes, ignorava as subtilezas romanticas dessa vida amorosa, esses tormentos e essas voluptuosidades que hoje lhe envia o meio-dia da Europa, essas paixões violentas, outras vezes facticias, plantas parasitas que se marchitam no seu primeiro verder. Porém quanta mudança de alguns annos a esta parte! Quantos progressos com a civilisaçâo moderna, e com as vantagens da independencia! E quanto seria necessário dizer para mostrar estes progressos, esta face radiante e animada que hoje apresenta este bello paiz! Porém isto será assumpto de outro artigo. Bastandonos por agora dizer que as senhoras brasileiras comprehendem hoje melhor as vantagens de seu sexo e de sua posição na sociedade, e que os seus habitos nascem do intimo da civilisaçâo moderna, vamos ao nosso proposito.—

A sociabilidade occasionada pela vinda da Pascoa tem sido animadissima, os *soirés*, os chás, os passeios tem sido magnificos; tem havido reuniões em que a gastronomia elevada não tem ficado em esquecimento, e em que as fitas tanto se vem ondear sobre os crespos d' huma bella como sobre as azas de hum lindo passaro. *Sine bacho et cerere friget*; esta he huma verdade; o espirito se dilata com os manjares, e adquire huma dilataçâo que o enleva. A mesa he o symbolo mais interessante e o laço social mais útil da comunicaçâo dos homens. O vinho, os manjares e o baile, são essencialmente commu-

nicativos, e o que os fornece he o mais comunicativo de todos. —

Porém sobretudo os bailes mascarados do theatro de S. Pedro tem dado neste anno à capital do imperio huma especialidade que não tem tido até agora. Na verdade, bailes tão explendidos, tão concorridos e em lugar tão sumptuoso, não se veem mais do que nas primeiras capitais da Europa. Houve grande esmero e gesto elegante na disposição e adornos. Essa immensa sala improvisada, como hum vasto theatro da antiguidade, esteve magnificamente illuminada, concorreram a ella pessoas distintas de ambos os sexos; os camarotes estavam cheios, e sobre o tablado se deslizaram mil lindos pesinhos de bellas fluminenses, e estrangeiras, pela primeira vez nos annaes do Rio de Janeiro. Este he sem duvida hum outro passo na sociabilidade brasileira, excepto para os que não pensam como J. J. Rousseau, que nas reuniões publicas he onde mais se depuram os costumes e se ostenta o brillantismo social.

O povo fluminense tem acolhido com entusiasmo este divertimento que lhe tem enviado a Europa. As quatro noites do baile foram brilhantes; que animação e embeleco nessa noite! tudo era vida como sempre que intervem a belleza e a armonia. A musica sahia em explosão pelas ventanas daquelle vasto edificio e se dilatava na atmosphera da noite com huma armonia imensa; a mor parte do movimento esteve re-concentrado naquelle ponto da cidade adormecida, o theatro de S. Pedro d'Alcantara. Tudo contribuia a expansão dos gozos. As bellezas aristocraticas reunidas por hum desejo de curiosidade, presenciaram a traição d'algumas lindas de suas patricias, a sua passagem ás fileiras populares, onde despregavam todo o seu bom humor até então desconhecido. Dança corrida, movimento circular, de vai e vem, traças de todo genero, lindas caras debaixo d'hum véo, olhos negros e scintillantes por entre os buracos de huma mascara, corpos elegantes, e agis, for-

mas divinas que se adivinhavam debaixo de mil trajes peregrinos; divertimento franco, desembaraçado de todos os embaraços da *etiqueta* e do *delicadismo*, divertimento em toda a sua effervescencia e em toda a altura do entusiasmo; eis-ahi o que offereceu o baile mascarado no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Hum philosopho severo que como o amante de Alice e arrastrado por força de repente por huma linda mascara a essa immensa sala, se tivesse achado hum quarto de hora no meio desses sunidos estrepitosos da orquestra, no meio daquelle formigueiro de entes que se esparziam como ondas em todas as partes do edificio, abaixo, arriba, em derredor seu; olhando para todas essas traças, todas essas mascaras semelhantes, essa turba agitada; esutando esses ditos incisivos, essas vozes frautadas, que se assemelhavam a hum echo unico repetido mil vezes em manifestações identicas, teria sentido huma sensação de espanto e haveria sahido correndo daquelle Ingar, maldizendo a invenção das mascaras. Pordém hum espirito livre de preocupações e de escrupulos, hum espirito social que não vê nestas reuniões mais do que huma face necessaria do movimento de huma grande capital, hum desafogo natural das grandes povoações à penuria e monotonia da existencia, à agitação turbulenta da vida, teria pegado na mão daquelle philosopho e detendo-o, ao querer este fugir, lhe teria dito, como Julia, diz em Paris a seu amante: olha, frigido pensador, olha para todas essas mulheres que estão aqui. Eu quereria que lhes tirasses as mascaras e lesses nas suas almas. As mais dellas são bellas de corpo e de espirito. As que te pareciam mais depravadas são ás vezes as que tem o coração mais terno, o genio mais espontaneo, as que praticam acções mais nobres, as que tem as entranhas mais maternas, as affeções mais românticas, os instintos mais heroicos. Pensa-o bem, coitado, todas essas mulheres de alheação e de prazer são o selecto das mulheres, os tipos mais extraordinarios e poderosos que tem sahido de mãos da natureza: por isso, graças aos pudicos legisladores da sociedade, vem aqui a procurar por hum instante, as illusões do amor no meio de huma turba de homens que singem amal-as, e, entre elles, apparen-

tam desprezal-as. Os melhores e mais bellos seres da criação estão ahi, forçados a arrostrar tudo, ou a pôr-se huma mascara e mentir, para que não as ultragem a cada passo. Tal he a nossa obra homens perspicaz e que tendes feito hum direito de vosso amor, e do nosso hum dever.

#### BIBLIOGRAPHIA.

### PLUTARCO BRASILEIRO

por

J. M. PEREIRA DA SILVA.

(DOIS VOLUMES.)

Conterá esta obra dous volumes de 400 páginas cada hum. A historia do Brasil, e sua litteratura são nella bem discutidas e analysadas, as vidas e feitos dos mais illustres Brasileiros são apresentados com todo o desenvolvimento: nella figuram Antonio Pereira de Souza Caldas, Salvador Corrêa de Sá e Benavides, Josê de Santa Rita Durão, Francisco de S. Carlos, Visconde de Cayrú, Gregorio da Mattos, Thomaz Antonio Gonzaga, Padre José de Anchieta, Claudio Manoel da Costa, Sebastião da Rocha Pitta, José Basilio da Gama, Ignacio José Alvarenga Peixoto, Alexandre de Gusmão, Antonio José da Silva, Dr. José da Cunha de Azevedo Coutinho, Bernardo Vieira Ravasco, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, José Bonifacio de Andrade e Silva, José de Souza de Azevedo Pizarro de Araujo, Antonio de Moraes e Silva, Manoel Ayres do Casal, e outros muitos Brasileiros que adquiriram, nome pelas letras e armas. Esta obra he o resultado de muitos estudos e pesquisa do autor; pôde-se considerar hum monumento que se levanta á gloria do seu paiz, tirando do olvido tantos nomes de illustres Brasileiros.

O preço da subscipção he de 6.7000 réis pago no momento da assignatura.—Os nomes dos senhores assignantes serão inscritos no fim da obra.

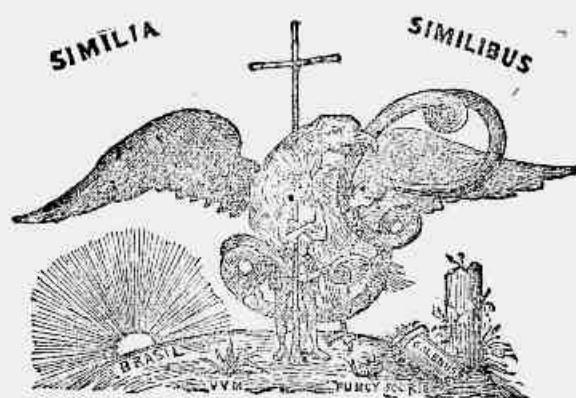
Chamamos a attenção dos nossos leitores para o Plutarco Brasileiro, que o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva, vai publicar. Não se pôde negar que he hum grande serviço que o Sr. Pereira da Silva faz ao paiz, tirando do olvido esses illustres Brasileiros que tanto honraram o seu paiz.

No numero seguinte continuaremos com os Mysterios de Família que por hum obstáculo não damos neste numero.

#### ERRATA.

No artigo as—Linenhas—onde diz Mr. Cabanis, Ma-  
se Chavagne.

## O GLOBO.



## NOTICIAS SCIENTIFICAS.

## A HOMOEOPATHIA.

## REVIRETE A HUM COMMUNICANTE.

Elle lhe diz: «Retira-te rafeiro,  
Que tens dar c'os narizes n'hum sedeiro.»

J. DE SOUSA.

(CONTINUADO DO NUMERO ANTECEDENTE.)

As horas fogem, o tempo voa, a indignação suffoca-me, a paciencia falta-me. Publiquei os artigos que o publico tem lido sobre a doutrina homœopathica, não para interesse meu, mas para proveito alheio; não para sorprehender os medicos, mas para convidal-os a estudar e unico sistema de que he possiel esperar salvação ao menos nas molestias chronicas, de quo a heteropathia não he capaz de curar nem meia; não para destruir o que ha de solido e demonstrado na antiga doutrina heteropathica, que não he pouco, mas para purgal-a dos absurdos que a conspurcam e que fazem a deshonra da sciencia: não para estreitar o circulo da possibilidade medica, mas para estendel-o. Se o Sr. *Scholasticus* não quer que quando fôr medico (que por ora o não he) o tenham por charlatão, em lugar de estar a copiar o que outros escreveram acerca da homœopathia, segundo agora fez, estude a sciencia, mate-se, canse-se com ella, pratique-a sem prevenção somente para examinar o que ella tem de falso e de

verdadeiro; e depois que o tiver feito, decida conforme o que a sua propria experencia lhe tiver mostrado, e não por asserções sem provas nem fundamentos, conforme a pratica ordinaria d'aqueles que só sabem repetir o que outrem disse: e se, em lugar de obrar desta maneira, quizer antes merecer o nome de Dr. Sangrado ou de Dr. Purgão, eusope-se muito embora no sangue dos sens docentes, farte-se de dejecções, que eu tudo quanto posso fazer-lhe he desejar-lhe mais saude do que aquella que os seus doentes hão de ter, e applicar-lhe as conhecidas palavras de Molière no *Doente Imaginario*:

Mille annis sangret, purgaret,  
Debant infirmi morire  
Et ad diabolum ire.

\*\*\*

## HOMOEOPATHIA.

## O SCHOLASTICUS AO SR. DO REVIRETE.

Omnia quæque loca tencant sortita decenter.

Mal pensavamos nós quando escreviamos duas palavras em sentido avesso ao autor dos artigos homœopathicos, que hiamos de encontro a hum sendeiro! Entretanto, S. S. disso nos deu certeza em sua epigraphe! Se tal nos passasse pela imaginação de certo não nos metériamos com semelhante animalejo; e no caso de nos approximarmos, outra, que não a pen-

na, seria a arma empregada. A parte da epigrafe que nos quer offerecer nós lhe agradecemos e a restituimos toda inteira, porque bem lhe fica. Vamos ao que serve.

Nada de exclamações; nenhuma apostrophe; não aturdimos vingaem; limitamo-nos a apresentar, depois da devida venia, as opiniões dadas e as experiencias feitas por inumeros sabios sobre a homœopathia; e ao mesmo tempo fizemos ver que este sistema foi objecto de huma these sustentada perante a faculdade de medicina desta corte; e que, em 1836 e 37, a *Revista Medica* muito se occupou da materia: mas S. S. responde com alaridos, grita deslealdade! exclama cobardia! brada quixotismo! e nisto cifra-se toda a sua resposta; pois que a these existe impressa, a *Revista Medica* he conhecida de todos, e os jornaes de medicina estrangeiros correm todas as mãos.

He desleal quem se arma de factos e não do ridiculo, quem cita autoridades conhecidas e não clama para o povo? He cobarde quem consultou sobre vossa partida, e só depois de ter certeza que ella não era prompta, e que se poderiam trocar palavras, que consentio na impressão? Certo que não; e vós não ousareis contrariar. Ainda mais, senhor, pôde-se considerar desleal, cobarde, &c., quem, estudando, se eleva a contradictar hum veterano; e que, ainda bisonho no escrever, entra em liça com hum já amestrado, e que tem por si todo hum publico acostumado a bem recebel-o? A luta parece desigual; mas minhas armas são a razão e a experiencia; meus raciocinios filhos dos factos, minha guarda a justiça de causa que pleiteio.

Não cabe o argumento de que são passados alguns meses, porque motivos talvez que vós ignorais motivassem a minha tardança; tanto mais que he sabido no Rio de Janeiro que alguém houve que vos respondeu em tempo, mas que o receio do vosso despejo, risivel escripto, rafeiro sendeiro que hes, e outros muitos argumentos desta especie, fez sobrestar a publicação. Comtudo, em severoeste deste mes-

mo anno, a *Revista Medica* tratou da homœopathia debaixo do nome de mysticismo; appellidou-a embuste; entretanto vós, que, como medico, parece deverieis ler o unico jornal de medicina publicado no paiz, e ter respondido ao artigo, não com injurias e sarcasmos, mas com argumentos e factos, nada fizestes; pareceis mesmo ignoral-o. Emfim, senhor, vim tarde, porém sempre tiveste tempo de responder-me, e de que forma?!

Principiais por huma injuria; captais a attenção do publico, e dizeis que não nego vossas observações, e que as vou mendigar na Europa. Pois as sciencias tem paizes; a medicina não he a mesma *servatis servandis* em França, Italia, Russia, Prussia ou Brazil? Se tal não he, mal vão os medicos, triste da humauidade; e peior ainda da homœopathia, que, nascida na Alemanha, filha de hum cerebro allemão, não pôde caber n'outros povos.

Vós mesmos estudastes a homœopathia em Paris, e por vosso argumento não a podereis exercitar no Rio de Janeiro. Sentistes que não desse apreço a vossos casos clinicos: como preferir quatro observações a mais de trezentas? Como admittir huma doutrina cuja base he falsa? Já vos disse, senhor; Andral apresentou 130 ou 140 factos que depunham contra o principio da homœopathia; provou que elle e muitos collegas tinham tomado os remedios homœopathicos sem sofrerem incommodos alguns; logo o principio he falso, o remedio não cura porque faça igual molestia. Trouxe-vos Gue, de Bordeaux, que tomou, durante tres mezes, a belladona, e nunca sofreu da pelle ou garganta: Double, que tomou quina durante quatro mezes sem ter incommodos intermitentes; e mil outros que fizeram a experiençia para conhacer a certeza do sistema, pois que repousa sobre esta unica base.

Lêde as Revistas medicas Francezas de 1835 a 1838, o *Bolletim Medico de Bordeaux*, o *Jornal Habdomadario*, e todos os jornaes franceses de medicina dessa época, e conhê-

cereis se são falsos os factos que teho apontado. Em os annaes de Hecker de 1833, tambem encontrareis alguma coisa; e ahí se acham as experiencias, sempre infelizes, mandavas fazer pelo governo russo, já no hospital de Tuttchein, já no da capital, pelo Dr. Hermann, que era todo homeópathia. A quina, o sulphato de quinina, os globulos de thuya o mercurio solvvel, belladona, arnica, todos os heroes da homeópathia foram desgraçados! Nenhum produzio molestias no homem são, nem curou o homem doente! Repetidas experiencias fez Andral, chegou a tomar e dar sulphato de quinina em doses heteropathicas, sem nada sofrer. Que pacientemente se poz em resguardo dias antes de começar as experiencias, e mal comia migas de pão com leite, batatas ou assucar; apesar de todo o escrupulo, a belladona não deu efeitos escarlatinos !... Isto he lá para a Europa, cá no Brasil a homeópathia, bem que filha da outra banda, he coisa muito diferente. Vejamos.

He sabido de todos que nossos avós tinham por costume roborar o estomago logo ao amanhecer com hum copo de vinho quinado, coimento de fedegoso, quassia ou café sem assucar, que esta usançā ainda he seguida nos nossos campos; e entretanto, se os principios homeópathicos fossem certos, teríamos de ver os nossos camponezes sempre a tiritar com maleitas, e os nossos antepassados seriam victimas de perennes febres. Se a quina produz todos os phenomenos da febre intermitente, nossos convalescentes a que se receita esta substancia, passariam a sofrer nova molestia. Se o mercurio produzisse symptomas syphiliticos, teríamos todos os doentes de peritonites, erysipelas, engorgições glandulares, etc., sempre em luta com as terríveis consequencias de hum tratamento que lhes daria a syphilis. Finalmente, não haveria Inglez algum que não soffresse bubões, ulceras, exostoses, dòres etc., se o principio homeópathico tivesse o vislumbre da veracidade, pois que esta naçāo faz hum prodigioso uso dos

mercuriaes, especialmente dos calomellanos, que até tomam por deleite. A Leladona he tambem administrada na coqueluche, no scirrho uterino, nos espasmos musculares, na epilepsia etc., sem que nenhuma erupção tenha aparecido; que o digam os nossos praticos.

Lembras o gelo, e já huma vez dissesse que o gelo, que fazia enregelar, era entretanto o melhor remedio para esta molestia. Pois bem, se o gelo he quem hade curar aos enregelados, deixai-os de conserva nas neves, não lhe prestais soccorros, que a seu tempo elles se levantarão curados homeópathicamente!!!

Todos quantos estudaram physiologia e pathologia sabem, dizeis vós, que os remedios produzem no corpo são efeitos analogos; aos que curam. Logo os sabios que tenho citado são hums ignorantes, nada sabem de pathologia nem de physiologia; e suas experiencias são falsas; entretanto, elles foram publicas, attestadas por huma academia, como quer Voltaire; e o mundo rende-lhes como a homens de huma intelligencia sublime e cujos escriptos honraram o seculo!

Não attribuis a hum medico o artigo anti-homeópathico: fazeis bem, senhor; permitti que, vos considerando apto para juiz n'outras materias, rejeite vosso juizo em medicina. Vós avançastes que os medicamentos deverão ser experimentados no homem são, para dahi tirar-se suas virtudes therapeuticas! Clamaste que era hum julgamento falso e filho da preguiça o dizer-se que a sangria era hum antiphlogistico! Fizestes mais, gritastes em alto e bom som, que as emissões sanguineas eram o mais violento irritante que ja-mais tenha obrado sobre a organisação humana!!!

E sois vós quem escarnece dos conhecimentos medicos do autor do artigo?! Disse elle em algum tempo: « Nos tratados de pharmacologia só se encontram noções confusas e vagas, que só dizem—talvez—; que os medicamentos são empregados porque sua

« cõr, cheiro ou sabor, estão em relação com certos orgãos; que existem medicamentos antisepticos; que a gomma arálica he empregada como agglutinativa; que o opio se dá nas insomnias, os drasticos nas constipações, etc., etc. »

Não senhor, fostes vós. Também dissesse que depois da sangria o pulso ficava duro, o sistema vascular crescia em energia; e que as nossas apoplexias eram frequentes, em razão da prodigalidade das sangrias! Entretanto, dizeis que escreveis para os médicos; pensais que todos são charlatões. Que modelo tomastes, vós, senhor? *Scholasticus*.

P. S. Deixo se farte de dejecções quem com elas se entreteve tanto tempo, e que tanta matéria achou para entreter-se; em fim, quem muito se ocupou com os resultados estercorarios.

### HOMOEOPATHIA.

#### ULTIMO RUXOXÓ AO SR. SCHOLASTICUS.

Cágado, para que queres botas,  
se tu tens as pernas tortas?

(PROVERBIO PORTUGUEZ.)

*Sr. Redactor.* — Com hum pé no mar outro na terra, quasi como aquelle anjo de que falla S. João no Apocalypse, me vejo na necessidade de dirigir-lhe ainda estas duas linhas a fugir a fugir, porque he preciso dar o ultimo ruxoxó ao nosso amigo *Scholasticus* que de novo se acha em campo, já que tão sôfrego parece de dar eutiladas no vento.

Se o primeiro artigo do nosso comunicante fazia suspeitar que o homem não era medico, o segundo faz ver que não só o não he, mas que nunca o ha de vir a ser; e a razão he porque lhe falta o senso *communum*, que he o mais indispensavel de todos os ingredientes nos professores de huma sciencia que, mais do que nenhuma outra, exige agudeza de engenho, segurança de juizo, e, sobretudo, a faculdade de discernir. Ora lance o leitor benevolo os olhos para o segundo artigo do Sr. *Scholasticus*, impresso no *Jornal do*

*Commercio* de hoje, considere-o com attenção, ainda mediocre, e diga-me em sua consciencia se me não dá razão ás carradas. Eis-aqui como o comunicante discorre a respeito da homeopathia:

« Dizem os medicos homeopathicos que os seus remedios curam porque tem a propriedade de desenvolver no corpo são as mesmas molestias que são capazes de curar no corpo doente. Mas Andral em Paris, e Gué em Bordéos, tendo experimentado em si mesmos diferentes remedios homeopathicos, não sofreram nenhuma dessas molestias cujo desenvolvimento os medicos da mesma erença lhes atribuem. Logo, o principio fundamental da homeopathia he falso, e falso por consequencia todo o sistema de medicina a que elle servir de fundamento. »

O homem, quem quer quehes! Quem foi o animal com quem aprendeste logica, que te não ensinou que cem factos negativos não podem ter força bastante para destruir hum unico positivo? Não vés tu com semelhante modo de argumentar não ha absurdo nenhum neste mundo que não possa ser transformado em axioma? Ora, eu vou mostrar-te hum exemplo bem palpavel disto que digo; respara bem.

Dizem todos os medicos que as molestias venereas são contagiosas. Eu digo que não; e porque? Porque se eu na minha pratica, e cada hum na sua, temos visto muitos exemplos de pessoas a quem se não comunicou a infecção, apezar de terem tido commercio com pessoas inficionadas, claro está que he porque a molestia não pôde comunicar-se; donde se segue que tudo quanto se tem dito e escrito contra semelhante principio he pura pêta. Que vos parece a consequencia?

Discorrendo do mesmo modo, poderia eu dizer que a febre amarella não he contagiosa, porque quando ella entrou em Barcelona, não attacou senão vinte mil individuos, tendo aquella cidade perto de 80 mil habitantes. E assim nos outros casos.

(Continua.)